

A irresponsabilidade de Lula

Ele reciclou a usina de besteiras de Bolsonaro

Elio Gaspari

Journalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Escurecida"

As mandar Jair Bolsonaro para casa, o Brasil parecia ter se livrado de um encosto. Durante a pandemia, esse espírito duvidava da vacina, sugeria que o vírus da Covid havia sido fabricado na China e exaltava a cloroquina. Lula reciclou o Brasil nos eixos na questão ambiental e atravessou o mundo para resgatar o encosto, escoreando na casa de bonana de Gaza.

No domingo passado, em Adis Abeba, ele disse que "o

que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino, não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus". Com isso, abriu uma crise e foi declarada pessoa non grata pelo governo de Israel.

Lula já havia costurado o alarabismo das unes, no Cairo, com duas frases: "O Brasil foi um país que condenou de forma veemente a posição de Hamas no ataque a Israel e o

sequestro de centenas de pessoas. Nós condenamos e chamamos o ato de terrorismo". Falso. O ataque do Hamas aconteceu no dia 7 de outubro. Cinco dias depois, o Itamaraty informou que a classificação do Hamas como organização terrorista competia à ONU. Posteriormente, ele foi julgado em terrorismo.

Lula acrescentou: "Não tem nenhuma explicação o comportamento de Israel, a pretexto de derrotar o Hamas, está matan

do mulheres e crianças — coisa jamais vista em qualquer guerra que eu tenha conhecido". Resolvida a falta de conhecimento, essa afirmação foi um exercício de retórica amparada na ignorância.

A fala de Adis Abeba teve a ver com a classificação do comportamento de Israel em Gaza, como "genocídio". Que as tropas de Benjamin Netanyahu cometem crimes de guerra, é certo. Genocídio é outra coisa, é um ato deliberado de exterminar

um povo, esteja ele onde estiver.

Em junho de 1944, com a guerra perdida, os alemães capturaram os 452 judeus que viviam na ilha de Creta. Naquele mês, o brasileiro Benjamin Levy, a mulher e a filha foram presos em Milão e deportados para o campo de Bergen-Belsen. Lula já disse que Napoleão foi a China e que os americanos derrubaram Dilma Rousseff de olho no petróleo do pré-sal: "É preciso que [o petróleo] esteja na mão dos americanos porque eles têm que ter o estoque para guerra. Alemanha perdeu a guerra porque não chegou em Baku, na Rússia, para ter acesso à gasolina".

A batalha de Stalingrado terminou em fevereiro de 1943, quando os alemães já haviam sido contidos em Moscou, os Estados Unidos estavam na guerra e haviam quebrado a

perna da Marinha japonesa. Se os alemães chegassem a Baku, pouca diferença teria. Eles não teriam a guerra por falta de gasolina.

Vale lembrar que a Segunda Guerra também não acabou porque os americanos tinham mais gasolina. Ela acabou depois das explosões de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, que ficaram prontas em 1945.

De onde Lula tira essa ideia, não se sabe, mas no seu terceiro mandato ele se move na cena internacional com uma onipresença explausiva por dilos e venenosos para a diplomacia brasileira.

Durante seu primeiro ano deste mandato, firmou-se como um chefe de Estado excêntrico. A fala de Adis Abeba tem perua a ignorância com irresponsabilidade.

DOM: Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEO: Deborah Bizarria, Camila Rocha | TER: Joel Pinheiro da Fonseca | QUA: Elio Gaspari | QUI: **Conrado H. Mendes** | SEX: Marcos Augusto Gonçalves | SÁB: Demétrio Magnoli

Em mensagens, Mauro Cid lamentou disciplina militar

Diálogo sobre tentativa de golpe é considerada prova de insubordinação

César Feltoza e José Marques

BRASÍLIA. Envolvido em discussões sobre um possível golpe de Estado para evitar a posse de Lula (PT), o tenente-coronel Mauro Cid mandou a um colega de farda mensagem em tom de lamento por considerar que os militares estavam "muito disciplinados".

O texto foi enviado em conversa com o tenente-coronel Sérgio Cavaliere, alvo de buscas da Polícia Federal, em 19 de novembro de 2022.

Na conversa, Cavaliere aborda Cid para questionar a possibilidade de militares da ativa receberem uma concessão especial para deixar a carreira, com aposentadoria proporcional, caso os planos para reverter o resultado das eleições fossem frustrados. "Irmão [sic], vou te pedir uma última [sic] parada, em meu nome e de outros amigos. Se tudo der errado, que seja concedido em caráter excepcional a saída complementar [proporcional] daqueles que desejarem. Minha mulher [libanesa e quer que eu vimbor com ela], escreveu: 'Sei que é possível fazer isso antes do pragor das luzes', completou Cavaliere."

Cid responde que já havia conversado com o vice-chefe de gabinete, sem dizer de quem, e que a "ideia é não conceder para ninguém".

Cavaliere responde que a não concessão do benefício seria "uma bela de uma sacanagem".

"Se tudo desambar, nós e nossas famílias sofreremos por decisões totalmente em desacordo com o que pensamos. Temos nos mantido confiantes e disciplinados até agora. Espero que estejam preparados para lidar com o racha interno, que virá".

Cid respondeu que este seria o problema: "Estamos muito disciplinados".

O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), escreveu em sua decisão que as conversas dos tenentes-coronéis Cid e Cavaliere indicavam uma "tática de investir contra militares não alinhados às iniciativas de golpe, [...] tudo com o objetivo de incitar os integrantes do meio militar a se voltarem contra os comandantes que se posicionam contra o intento de criminosos".

Procurada pela reportagem, a defesa de Cid não se manifestou. A Folha não conseguiu contato com Cavaliere.



Mauro Cid depõe na CPI dos Atos Golpistas de 8 de janeiro. Foto: Lulista - 21 ago. 23/Folhapress

Em conversas com interlocutores do meio político, os chefes militares têm defendido que não houve quebra da hierarquia e da disciplina no Exército mesmo com os apelos golpistas feitos aos militares no fim de 2022.

Exemplo seria o fato de não terem sido registrados levantes de militares nos quartéis ou desobediência a decisões dos comandos militares de área.

Por outro lado, a investigação da Polícia Federal comprovou que militares da ativa foram responsáveis pela redução e coleta de assinaturas de uma carta apoiada, de novembro de 2022, que buscava pressionar o comandante do Exército, general Marco Antônio Freire Gomes, a adotar postura radical favorável aos pedidos por golpe.

Militares são proibidos por

lei regulamentados de se manifestar coletivamente, seja sobre atos de superiores ou em caráter reivindicatório ou político.

Os investigadores ressaltam que militares da ativa participaram de atos para disseminar informações falsas para desacreditar o processo eleitoral e defenderem ruptura institucional em discussões entre Jair Bolsonaro (PL) e aliados.

"A troca de mensagens evidencia que militares da ativa integrantes do governo do então Presidente JAIR BOLSONARO estavam dando suporte material e financeiro para que as manifestações antidemocráticas permanecessem mobilizadas, visando garantir uma falsa sensação de apoio popular à tentativa de Golpe de Estado em andamento", completou a PF.

Na mesma conversa com Mauro Cid, Sérgio Cavaliere ainda mostrou descrença com o esforço do PL de questionar a segurança de urnas eletrônicas de modelo anterior ao de 2022. Naquele 19 de novembro, o presidente do partido, Valdemar Costa Neto, havia falado que cerca de 250 mil urnas não tinham número de identificação e deveriam ser desconsideradas.

No vídeo de Cavaliere, o plano seria uma forma de oferecer uma "saída para o inimigo que está encerrado". O inimigo, na visão da Polícia Federal, seria Alexandre de Moraes. "Mas não vai dar certo, não! Ele deve tá muito pressionado aí pro... pelos mandantes aí dessa coisa toda, sendo chantagado e ele

não vai aceitar 'disse'.

"Então agente vai ter que ir pro pai mesmo. Infelizmente", prosseguiu o militar. "Se possumos o lobo podem ter problemas mais graves à frente, ve [sic] sabe disse. Voe [sic] e sua família inclusive".

Os diálogos de Mauro Cid com outros militares e integrantes do governo Bolsonaro foram obtidos pela Polícia Federal na apreensão do celular do ex-adjunto de ordem da Presidência da República.

O telefone e o computador do militar têm uma série de conversas e documentos que foram usados pela PF como prova do planejamento de um golpe de Estado, que acabou não sendo executado.

Bolsonaro foi intimado para depor sobre o caso nesta quarta-feira (23), mas a defesa pediu o adiamento até que fosse autorizado o acesso à delação de Cid e a mídia as apreensões. Alexandre de Moraes, porém, já rejeitou a solicitação.

Cid ficou preso por mais de quatro meses até fechar um acordo de delação premiada com a PF. A colaboração foi homologada pelo STF, e o tenente-coronel deixou a prisão em 9 de setembro.

Mesmo delator implicado em cinco frentes de investigação (golpe, cartão de vacinação, venda de joias, uso do cartão pré-pago e live de Bolsonaro com ataque às urnas), Mauro Cid está na disputa pela promoção a coronel — sua turma de Aman (Academia Militar das Agulhas Negras) concorrerá a ser promovida em abril próximo.

PT e movimentos fazem manifesto contra ato de Bolsonaro na Paulista

Joelmir Tavares

SÃO PAULO. O PT, partidos governistas e movimentos ligados ao presidente Lula decidiram preparar manifesto em reação ao ato convocado por Jair Bolsonaro (PL) para domingo (25) na avenida Paulista.

O grupo quer denunciar o governo do ex-presidente e reiterar apoio à democracia. A resposta à manifestação bolsonarista foi discutida na segunda (19) e na terça (20) em reuniões com a participação da presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, e de coordenadores das frentes Brasil Popular e Foco sem Medo.

O grupo jurídico Prerrogativas também está envolvido. As duas frentes englobam entidades como MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), CUT (Central Única dos Trabalhadores), MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e UNE (União Nacional dos Estudantes).

Após descartarem a realização no domingo de atos de rua ou emboscas fechados, por temerem os riscos de participação de tamanho do público e risco à segurança, os articuladores decidiram escrever um manifesto e buscar o apoio de outros segmentos da sociedade civil.

O texto, que está sendo redigido, deve apontar Bolsonaro como líder de uma trama para dar um golpe de Estado após a eleição de Lula. Também regulará a tentativa do ex-presidente de questionar as investigações para, na visão dos detratores, manipular a opinião pública.

"Que autoridade, que moral tem Bolsonaro para invocar o Estado democrático de Direito? O último ato dessa gente acabou de depreciar a graça dos Três Poderes. Agora o golpista quer ocupar a Paulista", diz Gleisi.

Apesar de seus apoiadores, Bolsonaro disse em vídeo que seria "um ato pacífico, em defesa de nosso estado democrático de direito". Ele afirmou que usará o evento para se defender de todas as acusações que têm sido imputadas a ele nos últimos meses.

A ofensiva da esquerda deve avançar também sobre a participação de autoridades na manifestação. O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o prefeito Ricardo Nunes (MDB) não deverão ser citados no manifesto, mas a ideia é que sejam cobrados pelo apoio a Bolsonaro diante do que já foi revelado. Os dois anunciaram que irão à mobilização.

Nos bastidores, líderes de partidos de fora do governo e representantes de movimen-

tos de esquerda conversam desde a semana passada para fazer um balanço do quadro e monitorar a necessidade de uma reação do que chamam de campo democrático.

Uma preocupação é a que não se pode subestimar o poder de convocação de Bolsonaro. A avaliação é que uma manifestação marcada por ele para se contrapor às investigações da PF pode ter desdobramentos que voltem a colocar a democracia em xeque.

O presidente estadual do PT em São Paulo, Cleide, acionou o Ministério Público Eleitoral do estado e pediu acompanhamento para que o ato não viresse reedição do 8 de janeiro, conforme noticiou o Painel. Ele reitera o direito à manifestação, mas cobra providências.

Segundo o coordenador de Prerrogativas, Marco Aurélio de Carvalho, que é filiado ao PT, o manifesto pretende ratificar o compromisso de Brasil com a democracia e impedir que o levante de janeiro de 2023 seja esquecido.

"O Bolsonaro que ocupou a Paulista no passado [com ameaça de golpe e de desobediência à justiça] é o mesmo de agora", diz.

Carvalho afirma ainda "ser vergonhosa" a presença de Tarcísio e Nunes e aponta contradição na presença deles na manifestação depois da ausência em solenidades que exaltaram o apoio à democracia, antes e depois do 8 de janeiro. Nunes tem o apoio de Bolsonaro para a reedição.

Os organizadores querem angariar apoios para além da esquerda, nos moldes do que foi feito com a "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado democrático de Direito", lida na Faculdade de Direito da USP, em 2022.

Prefeitura de SP realiza avaliação online integral em 423 mil estudantes da rede municipal

Aponte o câmbio de seu celular ou tablet e saiba mais

CIDADE DE SÃO PAULO

ESTUDO FOLHA